**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

THAIS FERREIRA POMPÊO DE CAMARGO

**O PORTUNHOL SELVAGEM DE DOUGLAS DIEGUES:
NO DELÍRIO, A BUSCA PELO SENTIDO**

**CAMPO GRANDE – MS
Novembro-2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

THAIS FERREIRA POMPÊO DE CAMARGO

**O PORTUNHOL SELVAGEM DE DOUGLAS DIEGUES:
NO DELÍRIO, A BUSCA PELO SENTIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado – em Estudos de Linguagens (Área de Concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Rosana Cristina Zanelatto Santos.

**CAMPO GRANDE – MS
Novembro-2016**

THAIS FERREIRA POMPÊO DE CAMARGO

**O PORTUNHOL SELVAGEM DE DOUGLAS DIEGUES:
NO DELÍRIO, A BUSCA PELO SENTIDO**

APROVADA POR:

ROSANA CRISTINA ZANELATTO SANTOS, DOUTORA (UFMS)

MARCOS PAULO DA SILVA, DOUTOR (UFMS)

RAMIRO GIROLDO, DOUTOR (UFMS)

Campo Grande, MS, 21 de outubro de 2016.

*Para minha mãe, Ana Faride, meu pai e meu irmão, que sempre
me incentivaram a seguir adiante.
Ao meu companheiro, Marcos Rebuá, pela paciência e pelo amor.*

*Gratidão à minha orientadora, Rosana Zanelatto, por ter me guiado
com tanto zelo nos caminhos tortuosos da construção
desta dissertação.*

*À CAPES, por ter me concedido bolsa de estudos,
permitindo que eu dedicasse o meu melhor tempo à pesquisa.*

RESUMO

Na busca por romper fronteiras entre a poesia, a comunicação e a crítica cultural em Mato Grosso do Sul, este trabalho tem como meta (re)construir o percurso poético-cultural de Douglas Diegues, por meio da análise de suas atuações no jornalismo cultural e literário. Para isso, o trajeto desta dissertação se divide em dois momentos: no primeiro, são consideradas cinco diferentes publicações produzidas e editadas por ele, entre 1991 e 2002, quando o poeta empresta sua sensibilidade ao jornalismo cultural, trazendo para a discussão assuntos caros à cultura sul-mato-grossense, relacionados à memória, à história, à identidade e à literatura. No segundo momento, as temáticas abordadas no jornalismo literário se transmutam para uma poesia desobediente, que arrasta a tradição para dentro da transgressão, com poemas descolonizados, escritos em uma língua apátrida, informal e inculta – o portunhol selvagem. Mostramos que ambos – a narrativa poética e o jornalismo literário de Diegues – conservam o impulso crítico e utópico que caracteriza os campos da comunicação e da cultura, assim como o do intelectual na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Douglas Diegues; Literatura brasileira contemporânea; Comunicação; Cultura; Portunhol selvagem.

ABSTRACT

Seeking to extend the borders of poetry, communication and cultural criticism in Mato Grosso do Sul, this paper aims to (re)build the poetic-cultural journey of Douglas Diegues by analyzing his performances in the cultural and literary journalism. For this, our path is divided into two stages: first, the author will consider five different publications produced and edited by Diegues, between 1991 and 2002 – period when this poet lends his sensitivity to cultural journalism, discussing essential issues to sul-mato-grossense culture, such as: memory, history, identity and literature. Second, the themes addressed in literary journalism are transmuted into insubordinate poetry, dragging the tradition into the transgression; with decolonized poems, written in a stateless, informal, uncultured language - the wild portuñol. The poetic narrative and literary journalism conserve a critical and utopian impulse that has characterized the field of communication and culture, as well as the intellectual in Latin America.

KEYWORDS: Douglas Diegues; Contemporary Brazilian literature; Communication; Culture; *Portunhol selvagem*.

RESUMEN

En la búsqueda de romper fronteras entre la poesía, la comunicación y la crítica cultural en Mato Grosso do Sul, la meta de este trabajo es (re)construir el recorrido poético-cultural de Douglas Diegues, por medio de análisis de sus actuaciones en el periodismo cultural y literario. Para eso, el trayecto de esta disertación se divide en dos momentos: primer son consideradas cinco diferentes publicaciones producidas y editadas por él, entre 1991 y 2002, cuando el poeta empresta su sensibilidad al periodismo cultural, trayendo a la discusión temas caros a la cultura sur-mato-grosense, relacionados a la memoria, historia, identidad y literatura. En segundo momento, las temáticas abordadas en el periodismo literario se trasmutan a una poesía desobediente que arrastra a tradición para dentro de la transgresión, con poemas descolonizados, escritos en una lengua apátrida, informal e inculta – portuñol salvaje. Mostramos que ambos – narrativa poética y periodismo literaria de Diegues – conservan el impulso crítico y utópico que caracteriza los campos de comunicación y cultura, como del intelectual en América Latina.

Palabras-clave: Douglas Diegues; Literatura brasileña contemporánea; Comunicación; Cultura; Portuñol Salvaje.

SUMÁRIO

ITINERÁRIO	07
CAPÍTULO 1 – LENDO A POESIA PELO JORNALISMO LITERÁRIO	
1.1 O JOVEM DIEGUES	12
1.2 A FRONTEIRA SELVAGEM CONTADA POR UMA LAGARTIXA GUARANI	15
1.3 COMUNICAÇÃO E CULTURA	18
1.4 PALAVRA-BOA CONTAMINA A POESIA	26
1.5 “VOCÊ, DOUGLAS, VIVE NO MUNDO DA LUA”	40
CAPÍTULO 2 – PORTUNHOL SELVAGEM E POESIA	44
2.1 CONTRA A TEORIA DA CÓPIA	47
2.2 IDENTIDADE: BUSCA POR RECONHECIMENTO E SENTIDO	53
2.3 EDITORAS CARTONERAS: A POÉTICA DO PRECÁRIO	58
2.4 TRANSDILIRAÇÃO	61
2.5 O INTELLECTUAL CONTEMPORÂNEO	69
A JORNADA CONTINUA	76
NOTA FINAL	77
REFERÊNCIAS	78
ANEXOS	82

ITINERÁRIO

Pois é nos desvios que se encontram as melhores surpresas e os araticuns maduros.
(Manoel de Barros).

Duas vertentes de um mesmo autor: Douglas Diegues, poesia e jornalismo literário. Ou se poderia dizer: um único percurso de construção poética? Antes de apresentar o itinerário desta jornada, gostaríamos de colocar alguns fatos e encontros que culminaram nessa pesquisa. Um deles é a origem da pesquisadora: o jornalismo, mas precisamente o jornalismo cultural posto em prática em Campo Grande, capital de um Estado periférico, o Mato Grosso do Sul. Foi como editora que conheceu o poeta Douglas Diegues, quando produzia uma publicação especial dedicada a Manoel de Barros, na ocasião de seu falecimento. Ao pesquisar histórias que pudessem contribuir de maneira significativa à homenagem, chegou ao nome de Diegues, quem teria tido uma rara amizade literária com Manoel de Barros.

Os desvios de Manoel de Barros nos fizeram descobrir não apenas um poeta destemido, visceral e contemporâneo, que escreve em uma língua desobediente, o portunhol selvagem, mas também um editor-poeta de surpreendente produção jornalística-cultural de rara qualidade e ousadia. Descoberta que mais do que respostas, trouxe novas possibilidades ao complexo fazer jornalístico-cultural-literário na fronteira longínqua Brasil-Paraguai.

Depois de um mergulho em seus seis livros de poesia lançados até o presente momento, assim como da leitura integral dos jornais, revistas e suplementos literários editados e publicados por ele entre os anos 1991 e 2002, podemos colocar que, mais do que duas vertentes de um mesmo autor, poesia e jornalismo literário compõem um único percurso de construção poética. Muitos dos temas abordados pela poesia de Douglas Diegues já apareciam no jornalismo literário, sendo discutidos, refletidos e esquadrihados de maneira generosa e aberta com o leitor. A cada leitura era desvelado um original processo de construção poética que desembocaria

na criação do portunhol selvagem (2002) com o lançamento de seu primeiro livro, *Dá gusto andar desnudo por estas selvas*. Um exemplo: apenas no primeiro ano de publicação do *Palavra-Boa* (em 2000), existem dois momentos em que ele traz a pré-história do portunhol no Cone Sul americano: com o Visconde de Taunay e uma mescla de línguas na Serra de Maracaju, no final do século XIX; e com Xul Solar, artista da vanguarda argentina que teria criado “[...] uma língua que reclama insistentemente o mundo latino-americano”.

Pela importância tanto para a gestação poética quanto na relevância do resgate histórico para o jornalismo cultural local, o itinerário dessa dissertação acompanha o trajeto feito pelo poeta e propõe (re)construir seu percurso poético-cultural por meio da análise de suas atuações tanto no jornalismo cultural e literário, quanto em sua poesia.

Para tanto, o primeiro capítulo é dedicado às cinco publicações jornalísticas editadas por Diegues: o jornal cultural *Teyu’í* (1991-1995), única publicação exclusivamente dedicada à cultura; a revista literária *Teyu’í* (1995), já dedicada ao jornalismo literário; o jornal *Caracol Noturno* (1996); a revista *Caracol Viola* (1998); e o suplemento literário *Palavra-boa* (2000-2002), a mais longeva das publicações, momento em que deixa o fazer artesanal para se aventurar em um suplemento semanal de um jornal diário de grande tiragem.

Nesse período, Diegues proporcionou um valioso e raro momento à comunicação e à crítica cultural em Mato Grosso do Sul. Foram mais de dez anos trazendo à tona temas e reflexões caros à cultura local; suas publicações proporcionaram debates importantes sobre a (re)construção da história, da identidade e da memória da origem de uma cultura fronteiriça que tem sido renegada e fragmentada, quando não apagada.

Diegues aciona o que Jesús Martín-Barbero chama de “identidade narrativa”, afinal, “[...] toda identidade se gera e se constitui no ato de narrar-se como história, no processo e na prática de contar-se aos outros” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 20). E isso não apenas individual, como coletivamente: “No coletivo, em especial, as possibilidades de sermos levados em consideração, e de contar nas decisões que nos afetam,

dependem da capacidade de nossos relatos darem conta da tensão entre o que somos e o que queremos ser”, explica-nos Martín-Barbero (2014, p. 20).

Ainda nesse período jornalístico-literário, a tradução recebe a atenção. Exercício que terá crescente importância em sua obra poética, estando presente desde o primeiro jornal publicado, ganhando envergadura e originalidade no decorrer dos anos, haja vista, no *Palavra-boa*, 35% dos textos publicados pelo poeta-editor eram traduzidos, em sua grande maioria, por ele mesmo, já que ainda não haviam sido editados no Brasil. Tal prática está intimamente relacionada à proposta do portunhol selvagem, uma língua literária que busca o diálogo entre sistemas, que se deixa (e se quer) contaminar das culturas que coabitam a América Latina. Nesse caso, o exercício de tradução tem íntima afinidade com a proposta de aproximação de mundos, propondo uma reestruturação na comunicação, afastando-se da ideia de transplante de uma obra de um lugar para outro.

A segunda parte da dissertação é dedicada à poesia, momento em que Diegues transmuta, traduz ou “transdelira” as temáticas abordadas no jornalismo literário para a linguagem poética por meio do portunhol selvagem. Sua obra nasce nas ruas da fronteira Brasil-Paraguai, porém dialoga com questões globais, uma vez que as fronteiras culturais estão cada vez mais em tensão no mundo contemporâneo.

Foram seis livros lançados até 2015. Nos dois primeiros – *Dá gusto...* (2002) e *Uma flor na solapa da miséria* (2005) –, opta por entrar na literatura de braços dados com o soneto shakespeariano, formato rígido e culto que será alargado pelo poeta desobediente que afrouxará a métrica e bagunçará sua sobriedade com uma língua informal e inculta, engraçada e sedutora. A partir da terceira publicação, *El astronauta paraguayo* (2007), Diegues abandona o formato do soneto e se insere na prosa poética. Se nos primeiros livros a temática está em diálogo direto com a realidade, a partir do *El astronauta paraguayo*, o poeta passa a delira-la, um caminho que culminará no seu sexto e último livro lançado em 2015, *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe*, no qual apresenta sua forma mais radical de tradução, a “transliteração”, como forma de fazer poesia, traduzindo autores canônicos para a língua inexistente, inculta e mestiça.

Douglas Diegues faz vanguarda na fronteira selvagem ao alargar as bordas, sejam elas referentes a assuntos intocáveis, histórias que o sistema prefere apagar, sejam elas as da tradição literária, com sua obra poética insubordinada pelo portunhol selvagem. O poeta rompe, entra pela brecha do tecnicismo e desvela um outro mundo possível, restaurado com a subjetividade dos povos autóctones e dos intelectuais dos países vizinhos.

Apesar de bem humorada, sua poesia não é consolo nem conforto. Representa a realidade de maneira delirante (ou seria a absurda realidade que faz delirar o poeta?): a falta de políticas públicas, a violência velada/institucionalizada, a pobreza de espírito, a ignorância vigente, política que beira a demência, a falta de curiosidade, o capitalismo tardio se engasgando. Uma voz contra o esquecimento ou, como ele prefere e escreveu no prefácio de seu primeiro livro: “Sonetos em portunhol para espantar o mal-estar” (DIEGUES, 2002, p. 7).

Quase um século antes, com o surgimento da indústria cultural e suas seduções e manipulações de massa, Walter Benjamin esquadrihava suas engrenagens e seus produtos, fazendo reflexões acerca do futuro: “No momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: na política” (BENJAMIN, 2014, p. 186).

Nos dias de hoje, primeiras décadas do século XXI, na América Latina, a práxis política que propunha Benjamin é o caminho escolhido por onde florescem obras artísticas originais, resultado das contaminações étnicas, culturais e ideológicas que acontecem no território desde quando os europeus chegaram por aqui. Obras que propõem uma “falsa obediência” (SANTIAGO, 2000), como a de Diegues, seja quando o poeta submete a pureza da tradição ao contato com a mestiçagem, no *lócus* impuro de uma fronteira selvagem, com os sonetos selvagens em portunhol, ou transdelirando autores canônicos como Fernando Pessoa ou Charles Baudelaire para uma língua que oficialmente não existe. É desobediente não apenas na forma, mas também no conteúdo – e neste não dissimula, sendo provocador e transgressor.

Provavelmente seja por isso que Manoel de Barros, xamã, vidente que era, afirmava desde há muito tempo que Douglas Diegues é a nossa única promessa de poesia local. Possivelmente, Barros via nele o poeta intelectual de que o mundo contemporâneo se recente, uma mistura de erudito e crítico destemido, esteta e ativista político que desafia o que nos é dado como fato, estimulando nosso pensamento e senso crítico.

De sua primeira publicação, o jornal cultural *Teyu'í*, até os dias de hoje, somam-se 26 anos ininterruptos de produção. Nesse percurso a crítica cultural traz à tona sua verve poética, indo ela desde reportagens literárias, metamorfoseadas em sonetos ou prosa poética em portunhol selvagem, passando pela tradução/transdeliração de autores canônicos para sua língua literária inventada, como explicamos mais à frente.

Em todas as etapas do trabalho de Diegues, percebe-se coerência, pois, vistas à distância, indicam a construção articulada em direção a um propósito maior. Por meio desse modo engenhoso e generoso, Diegues abre um espaço, uma fenda, para a circulação da literatura, da poesia e da crítica cultural na margem da margem do Brasil. Pelos temas tratados, como consumo, violência, banalidade, sofrimento, mistério, prazer e beleza, deixa a fronteira e entra em ressonância com outras vozes mundo afora.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. O Anjo Melancólico. In: _____. *O homem sem conteúdo*. Tradução Cláudio Oliveira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

AYVU ROPYTA. Suplemento Palavra-boa. *Jornal Folha do Povo*, Campo Grande, 21 maio 2000.

ÁVILA, Myriam. *Douglas Diegues por Myriam Ávila*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2012. (Ciranda da Poesia).

BAPTISTA, Josely Vianna. *Roça Barroca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BARROS, Manoel de. Viola de Cocho. *Revista Teyu'í*, Campo Grande, n. 1, abr./maio 1995.

BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignoranças*. In: _____. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2014.

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2014.

_____. *A tarefa do tradutor*. Tradução Susana Kampff Lages. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. O neocriollo de Xul Solar e o modernismo sul-americano. Suplemento Palavra-boa. *Jornal Folha do Povo*, Campo Grande, 06 ago. 2000.

BOPP, Raul. Notas de viagem. *Jornal Teyu'í*, Ponta Porã, ano II, n. 5, ago.1992.

BUENO, Wilson. *Mar paraguayo*. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura do Paraná; São Paulo: Iluminuras, 1992.

_____. *Meu tio Roseno, a Cavalos*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

CAMPOS, Haroldo. Tradição, Transcrição, Transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico. In: _____. *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2015.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- DIEGUES, Douglas. *Dá gosto de andar desnudo por esta selvas – sonetos selvajes*. Rio de Janeiro: Travessa dos Editores, 2002.
- _____. *El astronauta paraguayo*. Ponta Porã: Yiyi Jambo, 2012.
- _____. Encontros com Manoel de Barros antes dele virar passarinho. *Revista A Gente*, Campo Grande, n. 162, dez. 2014.
- _____. Irecê a Guaná completa 126 anos. Suplemento Palavra-boa. *Jornal Folha do Povo*, Campo Grande, 22 out. 2000.
- _____. Jorge Montesino, poeta argentino-paraguaio de nenhuma parte. Suplemento Palavra-boa. *Jornal Folha do Povo*, Campo Grande, 16 set. 2000.
- _____. *Uma Flor na Solapa da Miséria*. Ponta Porã: Yiyi Jambo, 2007.
- _____. Douglas Diegues: entre a poesia e o desconhecido. Disponível em: http://www.travessadoseditores.com.br/tra/entrevista_diegues.html. Acesso em: 1 dez. 2015.
- _____. Encontro com Manoel de Barros em meio a los escombros del futuro. *Revista Cult*, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/11/adeus-a-manoel-de-barros/>. Acesso em: 1 dez. 2015.
- _____. Entrevista para o escritor Marcelino Freire. São Paulo, Rádio Quebras, 2015. Disponível em: <https://soundcloud.com/uebras/quebrasquestes-3-campo-grande?in=uebras/sets/todasasquebras>. Acesso em: 4 jan. 2016.
- _____. *Tudo lo que você non sabe es mucho más que todo lo que você sabe*. Santa Maria: Vento Norte Cartonero, 2015.
- _____; SEQUERA, Guillermo. *Kosmofonia Mbya Guarani*. São Paulo: Mendonça & Provazi Editores, 2006.
- FIGUEIREDO, Aline. *Arte aqui é mato*. Cuiabá: UFMT, 1990.
- GIMÉNEZ, Gilberto. Território, cultura e identidades. La región sociocultural. In: _____. *Estudios sobre la cultura y las identidades sociales*. Mexico: CONACULTA-ITESO, 2007.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. Histórias mestiças. Disponível em: <http://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/historias-mesticas>
Acesso em: 10 jul. 2016.

LÉVY, Bernard-Henri. *Elogio dos intelectuais* ; tradução Celina Luz. – Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los médios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. México: Universidad Autónoma Metropolitana – Azcapotzalco, 2010.

_____. Diversidade em convergência. *Revista Matrizes*, São Paulo, v.8, n. 2, p. 15-33, 2014.

_____. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas de comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEDEIROS, Sérgio. Xamanismo e Experimentação: a obra poética de John Cage. Suplemento Palavra-bom, *Jornal Folha do Povo*, Campo Grande, 16 jul. 2000.

_____. Douglas Diegues conversa com Sérgio Medeiros. Suplemento Palavra-bom. *Jornal Folha do Povo*, Campo Grande, 22 out. 2000.

_____. Cosmonauta de coração partido. Disponível em: <http://yiyijambo.blogspot.com.br/2008/03/el-astronauta-paraguayo.html>.
Acesso em: 10 jul. 2016.

MILTON, John. *O Clube do Livro e a Tradução*. Bauru: Edusc, 2002.

MONTESINO, Jorge. Três perguntas para Jorge Montesino (Por Douglas Diegues). Suplemento Palavra-bom. *Jornal Folha do Povo*, Campo Grande, 16 set. 2001.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

SAID, Edward W.. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993* ; tradução Milton Hatoum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SIEWIERSKI, Henryk. Antropo-Ex-Centrismo de Manoel de Barros. *Jornal Caracol Nocturno*, Campo Grande, edição única, dez. 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O antropólogo contra o Estado. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-antropologo-contra-o-estado/>
Acesso em: 10 jul. 2016.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura* ; tradução Waltensir Dutra. – Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1979.

WISEMAN, Boris. *Lévi-Strauss, Caduveo Body Painting and the Readymade: Thinking Borderlines*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.